ASSIGNA-SE UNICAMENTE

Em Aveiro: No escriptorio da administração.
A importancia da assignatura pode ser remettida:
Em sellos, ou estampilhas.
Ou por saque sobre alguma casa d'esta cidade.
As assignaturas são pagas adiantadas.
Os manuscriptos enviados á redacção ejam ou não publicados, não serão restituidos.
A circumstancia de receber o jornal e não o devolver, importa responsabilidade pela importancia do tempo, porque se recebe.

# CAMPEÃO DAS PROVINCIAS

Publica-se ás quartas e sabbados

REDACTOR E RESPONSAVEL — FERNANDO DE VILHENA

PREÇO DA ASSIGNATURA

Sem estampilha: anno 4:600 semestre 2:350; trimestre 1:200; avulso 50 reis.
Com estampilha anno 5:140 reis, semestre 2:650; trimestre 1350; avulso 55 reis.
Correspondencias de interesse particular: por linha 50 reis
Annuncios: por linha 30 reis; repetições 15 reis.
Publicações no corpo do jornal, 60 reis por linha.
Os srs. assignantes effectivos teem direito á inserção gratuita das publicações que quizerem fazer.

ANNO XXX — QUARTA-FEIRA 23 DE JUNHO DE 1880 — NUMERO 2:896

## Aveiro

### A CRISE

O paiz conhece já os motivos que levaram o sr. Marquez de Sabugosa, a pedir a sua demissão de ministro da marinha. O estado melindroso da saude do illustre titular forçou-o a abandonar os seus collegas na governação publica, com profundo sentimento seu e de todos os que vêem no sr. Marquez um caracter digno a todos os respeitos, typo venerando da mais augusta dedicação ao seu paiz e aos principios da justiça e da verdade.

S. ex.ª acompanhou sempre o seu partido nas horas das provações mais dolorosas. Não lhe vacillaram as forças para luctar ao lado da sua bandeira contra os desregramentos d'um governo, que se cançou de comprometter o thesouro. Não lhe falleceram os recursos da sua elevada intelligencia para combater, em nome das conveniencias sociaes, o desprestigio, a que levaram as instituições os que tudo pospõem aos interesses e ás paixões partidarias. Trabalhou com vigorosa dedicação para o levantamento do paiz, a quem uma administração pouco cuidadoza difficultava a existencia.

Chegou por fim a hora, que marcava o completo esphacelamento do partido, que especulou largos annos com o poder. Era mister organisar um governo forte e vigoroso, que tivesse no seu programma principios difinidos de administração. O paiz agradecido chamou o estrenuo defensor dos seus interesses ao estadio da governação. Não era já muito lisongeiro o estado de saude do sr. Marquez de Sabugoza. Mas as conveniencias do estado fallavam mais alto que as exigencias do seu organismo, e s. ex.ª viu-se obrigado a acceitar a pasta da marinha, lembrando todavia que talvez tivesse de deixar os seus collegas em novembro, se se aggravassem mais os seus padecimentos.

Abriram-se as portas do parlamento e a opposição surgiu insidiosamente do seio da sua reconhecida mediocridade. Antepondo ás conveniencias da nação os seus propositos menos dignos, declarou guerra aberta e sem treguas ao partido progressista, que trabalhava pela causa commum com toda a robustez das suas mais provadas intelligencias. Nas questões mais graves apparecia a opposição, luctando contra todas as prescripções do dever e do patriotismo, embaraçando o governo no seu caminhar progressivo, tomando o passo ás mais civilisadoras medidas, o guerreando accintosamente o ministerio em tudo quanto era util ao paiz e que partisse da iniciativa official.

Entendeu o sr. ministro da marinha que seria deslealdade abandonar no campo do combate os seus collegas, e não é o sr. Marquez de Sabugoza para praticar nem sombra do que não seja digno, nobre, levantado... A sua abnegação comprometteu a sua saude, mas s. ex.ª soube sempre pôr a cima de tudo os interesses do seu paiz e a causa da governação publica. Ficou, não sem grave prejuizo do seu estado organico.

Continuaram as correrias da opposição, que saltava sobre tudo, sobre a propria dignidade até, para affirmar uma vitalidade, que não tinha, para manifestar uma força, que o suffragio popular lhe não deu. As discussões acaloradas nas duas casas do parlamento dão ainda testimunho insuspeito do que deixamos dito. O accinte era manifesto e completo. A's mais justas medidas respondia o facciosismo mais condemnavel. As importantes propostas financeiras, apresentadas pelo nobre ministro da fazenda, foram objecto da mais abominavel e torpe especulação, que se tem visto.

Nunca o paiz presenciou lucta mais ignobil por parte dos que se oppunham á realisação dos desejos justissimos do ministerio. As medidas tributarias, que o governo entendeu apresentar ás camaras, primeiro que as outras reformas, que fazem parte do programma do seu partido, deram motivo á exploração indigna d'uma opposição, que não era séria, nem franca, nem leal.

Bem sabiam os adversarios do partido progressista que sem ellas era impossivel governar o paiz. Ninguem melhor que elles sabe as condições em que ficou a nação, depois da quéda do ministerio regenerador, e que sem adquirir meios para libertar o thezouro da falsa posição em que o deixaram os seus erros, era perfeitamente incomprehensivel a existencia d'um governo qualquer. Mas cumpria áquelles espiritos pouco generosos hostilisar as unicas medidas, que podiam salvar o paiz. Era uma imposição em forma que recebiam a cada instante do seu orgulho ferido. E assim iam tolhendo o regular andamento das coisas publicas, com manifesto prejuizo para a nação e gravissimo descredito para elles.

Competia ao partido progressista sustentar no seio da representação nacional os direitos do povo, que applaudia e apoiava o seu systema d'administração, e não era realmente opportuno o momento para desamparar o governo um ministro, que tinha já feito assignalados serviços ao paiz. Continuou, portanto o sr. marquez de Sabugoza ao lado dos seus collegas, compromettendo cada vez mais a sua saude, mas salvando de grande responsabilidade a sua consciencia de partidario e de trabalhador.

Passaram-se as agitações parlamentares ao fecharem-se as duas camaras e s. ex.ª entendeu que tinha cumprido o seu dever, combatendo a pé firme e braço forte a obra da dissolução, encetada pelos inimigos do governo. Aproveitou então o ensejo para restabelecer-se de muitos e graves incommodos e pediu a sua demissão.

Nada mais natural e mais logicamente explicavel. Toda a gente o sabia e todos os homens de criterio achavam no facto uma evolução politica racional e justificavel.

Mas apezar de tudo, a opposição affirmava que uma crise violenta fazia debater o ministerio nas vascas da derradeira agonia, procurando illudir-se a si mesma, e preparava-se para lançar sobre elle a ultima sagração, que se destina aos mortos. A opinião sensata achou ridicula a especulação e condemnou os aventureiros ao eterno desprezo, que merecem.

Ahi têm a crise violenta, que ameaçava o governo de morte desastrosa.

E' o máu séstro a perseguir a opposição por toda a parte e o desprestigio, que ella propria acarreta sobre si, cavando a ruina do partido, que na governação se cançou de comprometter a nação.

### CONSIDERAÇÕES

Do nosso assiduo collaborador e amigo o sr. Antonio Guedes de Carvalho e Vasconcellos recebemos o seguinte, que gostosamente publicamos:

«São a susceptibilidade e o melindre indispensaveis attributos do pundonor e hombridade, com que os cavalheiros honestos e distinctos se prendem de commum, não sendo para estranhar, que o gabinete progressista possua em alto grau tão eminentes qualidades, que se impressione e offenda muito com uma invectiva qualquer, reputando-a injuria ao seu caracter nobilissimo, affronta aos seus cavalheirosos brios, aggravo ao seu honestissimo proceder.

O seu alevantado ideal, que nada poderá ainda deprimir, o seu trabalho infinito, que ninguem, antes, poderá egualar, o seu cuidado vigilante e extremo, que não fôra por emquanto succedido, porque o tempo do seu exercicio lh'o não comportára, o seu estudo e as suas vigilias, só tendo condigna avaliação na pureza da consciencia que lhe fora motor, senão são grandioso penhor da sua honrada conducta, senão são firme esperança, de que o poder entrára verdadeiramente na senda do progresso, são clarissimamente a prova distincta do decidido empenho, que aquelles vultos illustres desenvolvem em favor da reforma geral, em favor da economia especial, em favor da ordem publica, em favor do bem estar nacional...

E que os seus altos desejos se traduziram em breve em prospera ventura dos povos, abona-o a propria franqueza, que elles demonstraram, sugeitando-se, como por espontaneidade, ao onus immenso da contribuição, unico meio, que o governo achára de se furtar a maiores males, e que o proprio povo reconhecêra capaz de o livrar da banca-rota, senão de mal maior ainda, a perda da sua autonomia.

E um sacrificio assim, que apenas a opposição renunciára, caracterisa com as mais vivas côres a dignidade de um governo, engrandece e eleva-lhe o seu alto merecimento, faz a sua completa apologia, eternisa-o emfim, se nos é licito assim dizer...

E que admira, que um povo acostumado, se pode admittir-se, que ao mal, como ao bem, elle se habitue, acostumado, dizemos, á devassidão, ao desvairamento, e por isso á corrupção e ao vicio, de que são naturaes consequencias o esbanjamento e a desmoralisação, se vanglorie, se engrandeça tambem, antevendo no seu sacrificio a sua maior gloria, que lhe representa em limpido espelho a sua liberdade garantida, a sua independencia assegurada !?!

Sentia-se abalado, o triste, em seus fundos alicerces, e previa bem a sua ruina nas espectaculosas demonstrações do ephemero luxo, que um passado governo lhe ostentava, se os onerosissimos emprestimos lhe não fizessem ver a sua divida de dia a dia mais avolumada, os seus haveres cada vez mais decrescidos, o seu credito progressivamente deteriorado, apalpando apenas por entre medonhas e pavorosas a deshonra do seu nome, a vergonha da sua terra, se não o vilipendio do valor portuguez !!!...

E como o luxo é sempre a vespera da quéda, que nem o grande imperio romano ouzára contrariar, cedendo antes á força fatal, que um tal estado lhe permittia, se alguma satisfação o mizero povo portuguez podia gozar, em épocas assim, era a esperança do melhor porvir, que a quéda d'um governo dissipador lhe proporcionava... e gozava, senão como devia, gozava como podia... que a esperança sustenta o espirito, como o alimento sustenta o corpo...

Era a vida de um morgado arruinado, que se ostentava em todo o seu vigor... O grandioso e deslombrante luxo cegava as vistas ao esplendor... O credito, por seu volume, engodava a boa fé do credor... Era tudo grande e bello, só era pequeno o haver, que descia tanto, como subia o esplendor !!!...

E o povo, que via, mas não podia evitar males de tal monta, esperava, protestando em sua mudez !!!...

E' que outra coisa podia dar o seu silencio, que não fosse a magestosa demonstração de 13 de outubro de 1879, patenteando de um modo tão solemne a força da sua imperiosa vontade, pondo em tão alto relevo o seu assentimento á escolha de governo, que o poder real fizera, e condemnando tão proficientemente a funesta administração, a que succedera !?!...

E' que a reacção está na razão directa da acção, que a produziu... E o mal fôra tão grave, como extraordinaria devia ser a força, que o demoveu... Foi a represalia justa, se assim nol-o consentem dizer...

Para grandes males, remedios maiores... A urna não fôra mais que a expressão da vontade de Deus, que o celebre proverbio nos assegura — *Vox populi, vox Dei* — e a grande maioria parlamentar, tão maior na capacidade, como no saber, tão robusta na intelligencia, como vigorosa na energia, verdadeiro portento, que apenas 1820 nos arremeda, é a plena confirmação da voz de Deus...

E essa maioria, cuidadosa e attenta, escrupulosa no cumprimento do seu dever, prezando o governo, honra-se a si, como ennobrece os seus constituintes, que outro mandado lhe não commetteram, que não fosse o brilhante alevantamento do nivel moral e material da sua patria, tão arteira, como vilmente deprimido !!!...

A manifestação da urna, se fôra a voz de Deus, porque era a voz unanime do seu povo, mostrára-se a toda a altura da sua dignidade, sabendo pôr o dedo, se nos permittem a phrase, na prudencia, na probidade, no valor, na honra e no saber, que outros tantos são os attributos, que sobremaneira abundam na maioria parlamentar...

Relevem-nos a honestidade de seus dignissimos orgãos que assim lhe exponhamos os seus sublimes dotes, que, embora a sua susceptibilidade se melindre, direito a opinião publica de bem compulsar as suas qualidades, para lhe saber dar o condigno merecimento, podendo assim avaliar, pelos grandiosos feitos dos seus eleitos, o melhor acerto dos eleitores...

E' sempre assim o fructo da liberdade, e se alguem houve, que bem a comprehendesse, fôra certamente o nobilissimo governo, que presidira ao acto eleitoral, honra, que depois da sahida do proprio governo, o ha de ainda engrandecer...

Que importa, que os zoilos, enfileirados em opposição, lhe urdam têias, lhe armem laços, lhe lancem redes, lhe pretendam oppôr peias !?!... Regeneradores, nomenclados, ou anonymos, tem os seus creditos registrados... E pelos termos de taes registros são olhados os seus conceitos, sem que se possam abonar em grandes bazes, diriamos nós, se não receiassemos, a nosso turno, ferir melindres, que não desejamos offender !!!...

Porém, se esbanjar os fundos publicos se póde taxar de defraudação, quem terá direito *a honra*, assim, mais *distincta*, que a passada administração !?!... Querer depois, que exhaustos cofres possam dar o que não teem, que elles bem sabem lhe tiraram, sobre inepcia estulta, será preversidade requintada !!!...

E a propositada insistencia na pretenção do caminho de ferro do Douro, sem attenção á penuria do thezouro, que elles proprios, quiçá adrede, lhe grangearam, revela a preversão do sentimento, que sóbe tanto de ponto, quanto a mesma gente, sendo governo, em 1878, se negára ao melhoramento, que tão insistentemente agora reclama !!!... Tanto é o senso, que lhe assiste... que o melhoramento é justissimo e até urgente !!!...

O baluarte da liberdade peza bem ardiz de uma tal jaez, e crêmos que o plano abortará...

São effectivamente os membros do gabinete tão susceptiveis e tão melindrosos, como o podem e devem ser todos os cavalheiros distinctos, e de certeza a camarada opposicionista firma bem ahi os seus alvos; mas falhar-lhe-ha o triste dilema, com que se affecta querer minar o poder !!!...

Nem se ha de desacreditar o governo por não fazer já o melhoramento sollicitado, nem se ha de encalacrar em um negocio tão vultuoso, que o arruine, como essa cohorte iberica tanto pretende...

Se em vez de pó, no erario, lhe deixasseis ouro, não teriam os melhoramentos sollicitação, que sabiriam elles a esmo em tudo e para todos, que assim nol-o affiança a idoneidade governativa ministerial, o seu esclarecido tino administrativo, a sua regra da economia, a sua excellente conducta, e a sua reconhecida proficiencia e boa ordem, dotes estes, que guiados por um saber profundo, escoltados por uma prudencia extrema, são no mais alto relevo n'esse immenso numero de projectos, que attestam a um tempo o mais acrisolado trabalho, e o mais relevante desejo de dotar a sua terra com uma ordem de medidas, que, se não fizessem desde logo a felicidade da nação, lhe fossem a porta franca para outros animosos vultos lhe seguirem sua honrosa pista... E é assim que se gloriam da sua susceptibilidade e melindre os varões illustres, que presidem aos destinos do luzo povo, que o grande Camões cantava.

E' este o sentir do medico.

ANTONIO GUEDES DE CARVALHO E VASCONCELLOS.

### VERDADES

O nosso estimado collega do *Progresso* publicou um notavel artigo, de que publicamos alguns periodos, e a cujas considerações nos alliamos convictamente:

«Esses maus propositos não produziriam resultados lamentaveis, se a manifestão d'elles ficasse dentro do paiz, que saberia dar-lhes o correctivo devido. Infelizmente, os jornaes, em que elles se expandem, passam as fronteiras, e vão levantar lá fóra rumores inconvenientes, como aquelles de que o *Globo*, de Madrid, se fez écco, asseverando que vão ser convocadas extraordinariamente as côrtes, que o governo teve de dar ao governo inglez explicações e desculpas, que não se harmonisam com o brio nacional, que o governo faltára a compromissos solemnemente tomados, e que por esse motivo, tinham esfriado consideravelmente as nossas relações com a Inglaterra. Tudo isto, com outras noticias igualmente falsas, é copiado dos jornaes opposicionistas... E julgam estes, que é indifferente para os interesses publicos, que lá fóra, e especialmente em Hespanha, se propaguem noticias d'esta ordem sobre o estado das nossas relações internacionaes? Acaso pensam, que da resolução da questão, *ainda pendente*, a Inglaterra não terá em conta, que ha no nosso paiz, quem á boa luz do dia declara que ella foi desconsiderada, ludibriada, ultrajada? Pois não sabem estes desgraçados, tão falhos de senso moral como repletos de ruins paixões, que nas relações internacionaes não ha governos progressistas, nem governos regeneradores ou de outra côr politica, e sim governos do paiz, e representantes da nação? Essa supposta desconsideração, esse falso ludibrio, esse imaginario ultrage, quem o havia de pagar, se tivesse existido, não era o governo *Progressista*; era o paiz, que pelo seu governo se representa.

Ao *Globo*, e a outros quaesquer jornaes, que de boa fé tenham dado credito aos boatos espalhados por algumas folhas opposicionistas portuguezas, declaramos do modo mais formal, que taes boatos são inteiramente destituidos de fundamento. Nem as côrtes vão ser convocadas extraordinariamente, nem ha reclamações pendentes, nem houve compromissos garantindo a approvação do tratado, nem se deram desculpas, que em caso nenhum o governo daria com offensa do brio nacional a respeito da resolução, que a camara dos srs. deputados adoptou no uso pleno da soberania legislativa. Tambem não é verdade que por tal motivo haja crime ministerial, porque a saida do sr. ministro da marinha é um facto imposto ha alguns mezes aos seus collegas pelo sr. marquez de Sabugosa, inteiramente independente da questão do tratado de Lourenço Marques, e de votação, que sobre elle houve na camara electiva. Estas declarações, *que faremos, devidamente auctorisados*, reduzem ao seu justo valor as perfidias e intrigas d'uma opposição sem consciencia e sem amor da patria.

Aos auctores d'esses boatos falsos, aos especuladores desalmados, para quem nada é defeso, não daremos o mesmo desmentido por escusado. Em si proprio, o encontram. A esses só queremos lembrar, que explorando as questões internacionaes, com damno para o paiz, e só para satisfação das suas paixões partidarias, não praticam um acto menos reprehensivel do que se recebessem do estrangeiro, a quem por esse modo servem, o oiro com que se pagam os serviços dos traidores e dos renegados. Não cremos que a nobre Inglaterra tenha agentes assalariados entre os nossos homens publicos; mas, se os tivesse, não procederiam alguns d'elles por fórma diversa d'aquella porque procedem. Se não sacrificam os interesses do paiz por um punhado de metal luzente, sacrificam-nos a uma esperança de ambiciosos, o que vale o mesmo.

E ousam esses desgraçados fallar nos melindres das questões internacionaes, elles, que trazem ás costas as inepcias e vergonhosas contradições da questão das pescarias, e na fronte o stygma sangrento do infeliz fusilado de Pinos Puente! E' força de audacia, se não é desvairamento de cynismo.»

### CONFLICTOS EM EVORA

Um cavalheiro d'Evora muito respeitavel, escreve ácerca dos conflictos, que deram cauza á saida d'alli do regimento de cavallaria 5, e do quartel general, o seguinte:

«Por ordem superior sahiu d'Evora para Extremoz o quartel general da 4.ª divizão militar e o regimento de cavallaria n.º 5 para Vendas Novas.

— Dão-se como cauza e motivo d'estas transferencias varios conflictos, que tem havido entre o povo e parte da officialidade d'aquelle corpo de tropa, conflictos que até hoje não tem tido grave rezultado, mas que podiam vir a tel-o, cazo continuasse a permanecer aqui o regimento de cavallaria n.º 5. Ainda mesmo que isto assim seja não nos pareco razão bastante para tão grande castigo; isto remediava-se com a transferencia dos disculos e desordeiros, se os ha; porque d'outra maneira é castigar o justo pelo peccador: isto pelo que diz respeito á sahida do regimento, agora quanto á transferencia do quartel general para Extremoz, embora temporaria, é para lamentar.

Não vemos motivo que justifique uma tal transferencia a não ser uma desfeita, que com ella se queira fazer a Evora, que a não merece, e que de nenhum modo tem razão de ser; porque consta-nos que Evora respeitou sempre o sr. Maldonado como homem e como auctoridade, e toda a officialidade, pertencente ao quartel general, assim como tem respeitado sempre todas as auctoridades, e nem outra couza era d'esperar dos seus nobres habitantes. Ora agora se o sr. Maldonado não gosta de viver em Evora não tem ella a culpa d'isso; mas em tal cazo peça a sua transferencia ou a exoneração de tal commissão; mas emquanto o não fizer é alli o seu posto; porque o quartel general da 4.ª divizão militar é em Evora e não em Extremoz. Cumpram as auctoridades civis e militares os seus deveres e tudo irá bem, e não haverá conflictos entre o povo e a tropa; mas consta-nos que em tudo isto tem grande quinhão o sr. general Maldonado. Y.»

Podemos affirmar ao nosso respeitavel amigo, que o governo tem na maior consideração os justos interesses d'Evora, o que tanto quanto possa hade provar-lho dentro d'um curto periodo. O que fez foi determinado por exigencias d'ordem publica, a que os governos teem muitas vezes necessidade d'attender, apezar mesmo dos seus bons dezejos. Tranquilizem-se os illustres habitantes d'Evora que os seus dezejos hão-de ser, dentro de pouco, satisfeitos.

### REVISTA ESTRANGEIRA

Está ainda pendente a questão da amnistia aos criminosos politicos de 1870. A França livre vota pelo indulto geral, emquanto que os espiritos fracos trabalham pela amnistia parcial. A corrente da opinião declara-se abertamente em prol da tolerancia completa. Os dois centros da esquerda protestam contra ella, e preparam-se para levantar embaraços aos que sentem dentro do peito o influxo dos sentimentos generosos. O governo vae apresentar na camara o projecto da amnistia geral, e é para nós ponto de fé que a sessão ha de correr tempestuosa e tumultuaria. A esquerda reúne-se para combater o projecto, e é de crer que o combate seja formidavel e renhido. Ambos os elementos são em verdade fortissimos. A esquerda tem athletas da palavra para disputar os principios da liberdade. Mas o governo tem a justiça e a rasão a apararem no seu escudo os golpes da opposição intollerante, e sobre tudo o apoio da opinião publica da França inteira. Veremos, pois, o que sahirá d'este pleito grave para ambos os grupos. Inclinamo-nos comtudo ao parecer d'aquelles, que julgam que o governo triunfará a despeito de todo o vigor dos dois centros da esquerda.

Levasseur, Germain, Gaite, Ribot e Renault Morliere fallaram largamente sobre a amnistia n'uma reunião do centro esquerdo e decidiram por enorme maioria que se votasse energicamente contra outra qualquer proposta, tendente a indultar os criminosos politicos de 1870 e 1871. Dufaure inspira secretamente estas resoluções á esquerda da camara e occulta-se habilmente atraz das columnas do *Parlement*.

E' sobre maneira notavel a forma porque o gabinete guarda as suas deliberações sobre este importantissimo assumpto, sem deixar, por conveniencia talvez, transpirar nenhuma das suas determinações sobre a questão da amnistia. Tudo virá a saber-se por fim, e a opinião chegará a fazer o seu juizo de tudo quanto se passa nas altas regiões da politica franceza. O véu, que encobre o mysterio, ha-de descerrar-se mais breve do que se suppõe, quem sabe, e então a historia registará nas suas paginas o que são os homens do governo e o que valem os da esquerda da camara e do senado. A todos se fará justiça.

A Inglaterra discute na camara alta alguns artigos do *bill*, que se refere aos enterramentos e em cujo projecto está compromettido o nome do ministerio Gladstone.

No parlamento hespanhol Sagasta ergueu-se para accuzar o governo, presidido por Canovas. As accuzações do chefe da opposição tem uma certa importancia pela forma porque actuaram no espirito publico. Responderam-lhe Canovas, e Romero, ministro do interior.

Em Berlim está reunida a conferencia sob a demarcação das fronteiras greco-turcas. A nota collectiva das potencias tem em toda esta questão uma altissima importancia, e porque lh'a encontramos, publicamol-a em seguida, fazendo-a succeder pelos telegrammas, que se referem ao movimento politico das nações, cuja attitude importa a todos. O texto da nota é o seguinte:

«A demora, que tem soffrido a execução de certas disposições do tratado de Berlim, levou as potencias signatarias d'esse tratado a uma troca de communicações, das quaes resultou reconhecer-se ser de interesse europeu pôr termo á mesma demora e admittir-se que o conjunto dos seus esforços era para ellas o meio mais seguro de se conseguir o resultado, que o acto internacional de 13 de julho de 1878 tem por objecto assegurar.

Compenetrado o governo da republica franceza d'essa dupla necessidade, e completamente d'accordo com os gabinetes de Berlim, Vienna, Londres, Roma e S. Petersburgo, encarregaram-me de participar a vossa ex.ª o ponto de vista sob o qual considera as differentes questões, suscitadas pela falta de execução de certo numero de clausulas do tratado de Berlim.

No que diz respeito á ractificação das fronteiras da Turquia e da Grecia, recebeu a Porta, ha tempos, uma proposta feita pelo marquez de Salisbury e approvada pelas potencias, segundo a qual devia constituir-se nas provincias fronteiras uma commissão internacional para determinar essa ractificação.

Como o governo de sua magestade o sultão se limitasse a mostrar as difficuldades, que poderia encontrar na execução da combinação a que era convidado a assignar e como não désse nenhuma resposta definitiva, as potencias medianeiras viam-se na necessidade de considerar esse silencio como uma recusa, e de cogitar os meios de dar á questão da ractificação das fronteiras turco-gregas a solução, que se havia tratado inutilmente de concertar com a Porta e que reclama tanto o interesse da Turquia como a da Grecia.

Por isso, decidiram que os seus representantes juntos de sua magestade o imperador d'Allemanha se reunam em conferencia em Berlim no dia 16 d'este mez para determinar, por maioria de votos e com assistencia de peritos, a linha fronteira, que melhor convêm.

Igualmente decidiram que, apenas tomada uma deliberação pela conferencia, vá uma commissão vistoriar os terrenos e resolver ahi todas as questões relativas ao traçado geral.

As potencias patenteiam, por outro lado, que o estado de coisas produzido pela questão da fronteira montenegrina reclama uma attenção ainda maior e exige uma prompta solução. As auctoridades ottomanas não executam o convenio recentemente concluido entre a Porta e o Montenegro, convenio que foi approvado pelas potencias no protocolo de 18 d'abril de 1880. As referidas auctoridades compremetteram-se á combinação, acceite pelo governo de sua magestade o sultão, permittindo aos albanezes occupar certas posições adjudicadas aos montenegrinos e d'um momento para outro pode surgir um sério conflicto entre as tropas montenegrinas e as massas albanezes, que lhes fazem face.

As potencias vêem-se, pois, na absoluta necessidade de convidar o governo do sultão a patentear explicitamente as suas ideias no que diz respeito á fronteira montenegrina e a pôr em pratica immediatamente o convenio celebrado entre a Porta e o Montenegro.

As potencias fazem desde já recair sobre a Porta a responsabilidade das graves consequencias, que possam acarretar novas delongas em satisfazer aos direitos adquiridos por aquelle principado.

As potencias julgaram ainda fixar a sua attenção n'um terceiro ponto. Pelo artigo 61.º do tratado de 13 de julho de 1878 comprometteu-se a Porta a realisar sem delongas os melhoramentos e as reformas administrativas, que reclamam os interesses locaes nas provincias habitadas pelos armenios; mais se comprometteu a garantir a segurança d'esses povos contra as aggressões e as violencias dos circassianos e dos kurdos; mais se comprometteu, finalmente, a participar, em prasos curtos e determinados, as medidas tomadas para isso ás potencias encarregadas de olhar pela sua applicação.

Segundo as informações recebidas pelo governo da republica, a Porta nada fez para se conformar com o artigo 61.º do tratado de Berlim. Nenhuma disposição tomou relativamente á vigilancia que devem exercer as potencias. Todas as informações dos agentes das potencias mostram que a situação d'essas provincias é deploravel, e o governo da republica, não poderia admittir que as clausulas do tratado de Berlim, relativamente ao melhoramento d'esse estado de coisas, se conservem por mais tempo como letra morta.

Por outro lado, convencido o governo da republica de que só a acção commum e incessante das potencias póde levar a Porta a cumprir os deveres, que lhe incumbem quanto a este ponto, como signatario do tratado de Berlim vê-se na necessidade de reclamar a completa e immediata execução do artigo 61.º d'esse tratado e de convidar o governo de sua magestade o sultão a que exponha explicitamente as medidas, que tem tomado, para se conformar com as disposições d'esse mesmo artigo.

Dando conhecimento do que precede a v. exc.ª, julgo do meu dever chamar a vossa mais seria attenção para a grave responsabilidade em que encorreria a Porta com a minima demora na execução das medidas, que todas as potencias julgam impostas, tanto para interesse do imperio ottomano como para o da Europa.»

Seguem os telegrammas:

Berlim, 22. — O *landstag* approvou hontem por 256 votos contra 150 o artigo 4.º do projecto de lei, que modifica as leis do maio.

A conferencia diplomatica esteve hontem á tarde reunida desde as 3 horas até ás 5. A commissão technica teve tambem de manhã reunião.

Pariz, 22. — Os jornaes republicanos são unanimes em approvar o discurso do sr. Gambetta a proposito da amnistia.

As folhas da direita reconhecem o talento do orador.

Quazi toda a imprensa diz que o sr. Gambetta não poderá por mais tempo recusar a presidencia do conselho.

Madrid, 22. — Diz o *Imperial* que dos 19 artigos apresentados por Mahomed-Wargas á conferencia discutio os artigos 17 e 18.

A Santa Sé, por intermedio do representante da Austria, pediu a liberdade dos cultos em Marrocos para obstar a que sejam alli maltractados os musulmanos, que se tenham feito christãos.

A questão será discutida em ultimo logar.

Roma, 24. — A legação de Italia em Constantinopla será elevada á cathegoria de embaixada.

O sr. Costi volta ámanhã de Pera.

---

20 FOLHETIM

EDMOND TEXIER

## AMOR E FINANÇAS

TRADUCÇÃO DE — B. DE M.

— Cada vez melhor, replicou a sr.ª Roullin. A deshonra e a ruina são completas!

— Em todo o caso, minha sr.ª, terá sempre, succeda o que succeder, uma fortuna independente. Reconheci-lhe um dote de 800 mil francos, que ha de escapar a todos os naufragios. Demais, note que a minha posição não é tão má como cuida, porque um só lance póde restituir-me tudo o que perdi e mais. O que me é impossivel é realisar n'este momento o milhão de que me falta e mesmo 500 mil francos.

— Visto isso, exclamou a sr.ª Roullin, Julia tem de sacrificar-se.

— Assim é preciso. Será condessa e em breve mulher d'um par do reino.

— E quem se encarregará de lhe dar essa noticia?

— Ou a sr.ª, ou eu. Mas parece-me que ninguem melhor do que a sr.ª, póde cumprir essa missão. A minha honra e a minha fortuna estão nas suas mãos.

Dizendo isto, o banqueiro saiu apressadamente da sala. A sr.ª Roullin ficou ainda alguns instantes reflectindo, dirigindo-se depois para o seu quarto. Ao passar pelo quarto de Julia abriu de mansinho a porta e viu-a tranquillamente adormecida.

— Dorme a tua ultima noute feliz, querida creança, disse ella, com o teu somno acabará o teu sonho!

A sr.ª Roullin passou a noute a reflectir na terrivel confissão que seu marido lhe fizera na vespera. Queria a todo o custo salval-o da infamia. Apezar da amizade que votava a Luciano, e da sua ternura por Julia, comprehendeu que errara o caminho alimentando as esperanças do que ella chamava o moço abbade. O perigo era demasiado eminente para que não buscasse prevenil-o á custa de todos os sacrificios. Foi ter com Julia no dia seguinte de manhã, e depois de milhares de circumloquios e prantos derramados demonstrou-lhe a necessidade absoluta de se sacrificar á salvação da familia.

Sem lhe dizer precisamente a causa real do sacrificio, deu-lhe a entender que a sua união com o sr. de Chaugobert era o unico meio de salvar seu pae d'uma ruina que comprometteria alem d'isso a honra do seu nome. A pobre menina, que se preparára para luctar contra a vaidade paterna, viu-se sem defeza, quando comprehendeu que se tratava agora de o salvar á custa da sua felicidade. A principio ficou atterrada, immovel; depois abundantes lagrimas lhe saltaram dos olhos e, victima resignada, prometteu tudo o que d'ella queriam.

Apenas se viu só, escreveu a Luciano uma longa carta de despedida, em que lhe contava toda a sua desgraça.

XVI

Em quanto Roullin se dispunha a lançar sua filha nos braços do conde de Chaugobert, vejamos o que se passava na outra margem do Sena, no palacio da duqueza Albanoni.

A duqueza Albanoni era, como já dissemos, a amante official do principe reinante de X... Ha 10 annos apoderára-se do coração e do espirito d'aquelle velho, e cansava a chuva ou o bom tempo em toda a extensão do principado. De resto não se queixavam muito da sua influencia; naturalmente affavel e generosa, contribuira muito para modificar a politica rigorosa e enredada do seu escravo coração. O velho leão deixára complacentemente cortar as garras. Graças a ella, aquelle cantinho de terra de que era rainha respirava mais livremente. O povo do principado de X... reconhecido á protecção da amante do velho principe, cognominara-a a *formosa estrangeira*.

A duqueza não era italiana. O principe encontrara em Roma durante o carnaval de 1821 uma formoza franceza que viera estabelecer-se na cidade eterna, alguns annos antes com um rapaz que se dizia seu marido. Recebida em algumas casas, a belleza da dama em breve chamou a attenção. Um addido á embaixada d'Austria, e um monsenhor, fascinados pelos encantos da forasteira, haviam disputado a honra das suas bôas graças, mas affirmava-se que um e outro haviam sido repellidos com perda. Uma bella manhã a cronica de Roma enriqueceu-se com um grande escandalo. Soube-se que o rapaz, que passava por marido da altiva virtude, desapparecera sem se importar com os prantos e com as desolações da nova Ariadne. O monsenhor e o diplomata, não curando ainda da sua paixão, julgaram a occasião favoravel para de novo sitiarem aquelle coração abandonado, e um d'elles teria provavelmente acabado por triumphar se o principe reinante de X..., vindo a Roma incognito, não roubasse o objecto da lucta aos dois campeões.

O principe tinha n'essa epocha 52 annos. Aventureiro e galanteador, não calculára a principio as consequencias do seu novo capricho. A formosa estrangeira que trouxera para a sua capital e que nos primeiros dias só discretamente visitava, tomou pouco a pouco tal imperio sobre o seu amante que este acabou por se lhe entregar á discrição e tornou-se o primeiro vassalo da sua conquista. O amor nos velhos é o mais implacavel tyranno. O principe, cada vez mais apaixonado, começou a fazer galla da sua paixão. A estrangeira foi installada no palacio ducal nomeada duqueza Albanoni, e dizia-se até que um casamento clandestino ligava aquella joven Maintenon, aquelle microscopico Luiz XIV. Desde então a duqueza tornou-se omnipotente, os ministros não davam um passo sem a ouvir e os cortezãos não conheciam outro astro no firmamento do principado.

No meio dos esplendores da sua vida, a duqueza lançava de quando em quando olhos saudozos para a França. Sentia vivos desejos de vêr pela ultima vez aquella primeira patria, que ha 18 annos deixára no meio de extraordinarias circumstancias. Aproveitou avidamente a occasião que a politica lhe offerecia, e a pretexto de examinar de perto os homens e as couzas do novo governo de 1830, apressou-se a partir para Pariz com plenos poderes do principe.

N'essa epocha a duqueza tinha 40 annos e a sua belleza ainda não começára a declinar. Alta, um pouco forte, a robustez perservára-a dos estragos dos annos. Pertencia a esse pequeno numero de mulheres que chegando a uma *edade madura* parece que o tempo as esqueceu. Logo que se installou no seu palacio, recebeu em segredo alguns personagens pertencentes ao partido fulminado pela ultima tempestade. Como só a rodeavam familiares italianos, acceitou um secretario francez recommendado por um membro da ex-facção congreganista, um santo homem, chamado padre Baudru e que prestava como já vimos no dialogo entre Charolle e Luciano alguns serviços discretos e interessados ao ministerio. Luciano, heroe de julho, verdade é que sem o saber, entrando no palacio da rua de Lille pela proteção apparente do padre Baudru devia ser aos olhos da duqueza rapaz votado á ordem de cousas desapparecida.

Devemos recordar-nos de que Luciano não vira a duqueza no dia em que se apresentou no palacio da rua de Lille. Como a duqueza estava encommodada só podia recebel-o no dia seguinte. No entanto o capelão a quem Luciano entregára a carta de apresentação e que se chamava padre Salvo, apressára-se, logo que elle saiu, a participar á duqueza a chegada do secretario.

— Como a sr.ª duqueza estava doente, accrescentou elle, addiei para ámanhã a apresentação.

— Está bem, respondeu ella. Que idade tem elle?

— Ha-de andar pelos seus 20 annos, quando muito.

— Vinte annos! repetiu a duqueza; mas então é uma creança que o sr. Baudru me manda.

— Se a sr.ª duqueza o acha demasiado novo, posso prevenil-o...

— Não faça nada, eu verei.

O esmoller inclinou-se e saiu.

— Effectivamente, pensou ella quando se viu só, um rapaz novo talvez me convenha mais.

A duqueza cercada de italianos e italianas, quizera um secretario francez menos para lhe confiar a redacção da sua correspondencia que para ver se elle lhe poderia *ser prestavel na realisação d'uma missão delicada*.

Como só queria dizer ao seu embaixador metade do seu segredo, pensava com razão que um rapaz procuraria menos do que um homem mais experimentado sondar um mysterio que devia ficar occulto.

Luciano foi pois apresentado á duqueza. A vista d'aquella sr.ª, alta, ainda formosa, e que sabia a proposito dar-se ares de gravidade, intimidou-o a principio. Pasmado da real magnificencia dos aposentos, elle que nunca vira senão o salão burguez de Roullin e da altiva attitude d'aquella mulher que via pela primeira vez, Luciano, cuja consciencia demais a mais não estava ainda tranquilla, perdeu toda a presença de espirito. Baixou os olhos para o tapete e respondeu arrevesadamente ás perguntas que lhe eram dirigidas. O gordo abbade Salvo, que lhe servira de introductor, comprehendeu logo que o sr. secretario era um homem perdido. Mas com grande surpreza sua a duqueza cada vez se lhe mostrou mais amavel: talvez a lisongeasse o effeito que a sua vista produzira no mancebo. O caso é que Luciano, animado pela benevolencia da sua interlocutora, chegou a ser senhor de si e ousou até por duas ou tres vezes levantar os olhos para a duqueza, que pela sua parte parecia contemplal-o com certa curiosidade.

A duqueza quiz ser a que o installasse e conduziu-o a uma grande salla que podia sem custo passar por uma bibliotheca. Duzentos ou trezentos volumes estavam empilhados em vez de enfileirados em estantes. Um grande crucifixo de marfim, sobre um fundo de velludo, separava os dois corpos da bibliotheca. Via-se tambem um bello retrato de Carlos X e alguns medalhões representando os differentes membros da antiga familia real.

— Por agora, disse a duqueza a Luciano, peço-lhe que confeccione o catalogo d'estes alfarrabios. Como me vieram por herança e ainda não tive tempo de os examinar, queime os que lhe parecer que pertencem á cathegoria dos livros perigosos.

Luciano inclinou-se e a duqueza voltou para os seus apozentos.

Ficando só Luciano não pôde conter uma gargalhada.

— Onde começa o livro perigoso? perguntou elle a si proprio, onde acaba? E pegou ao acaso em alguns livros da bibliotheca.

— Bom! aqui está *O Genio do Christianismo*; o auctor só vê as pompas exteriores da religião christã; o pensamento é esmagado pelo culto... perigoso! Passemos a outro... *Os Serões de S. Petersburgo*... o arsenal d'onde tirarão eternamente suas armas os defensores do passado... perigoso! As' *Obras de Voltaire*... adiante! As *Obras de Rousseau*... Pelo que vejo, é uma bibliotheca de D. Quichote? E' preciso atirar tudo ás chammas, e hei de ser eu o carrasco de todas estas altivas intelligencias!

Luciano pozera os livros de lado, e cahira em profunda meditação.

— Tudo se encadeia, pensou elle, tudo se liga na logica dos factos. Acceitei uma posição impossivel, e cada dia que chega me vae impondo acções de que terei de corar. Vim para aqui com a cobertura de um traidor; e, não serei eu mesmo traidor a esta mulher que, tomando-me por um idiota do congreganista, me encarrega de ser o inquisidor-mór da sua bibliotheca?

Ao jantar, Luciano teve de soffrer novo supplicio. Teve de escutar durante duas horas mortaes a conversação de dois velhos fidalgos, que esgotaram contra a revolução e contra os heroes de julho todas as flexas embotadas do seu carcaz.

Até então, o nosso heroe professára grande indifferença pela politica, mas os epigrammas acerados dos volteadores de Coblentz fizeram-lhe vibrar a fibra democratica.

— Mais quinze dias de conversação como esta, dizia elle comsigo, levantando-se da mesa, e estou setembrista.

A' noite, esquecera-se ao pé de Julia dos enfados do dia.

No entanto, no fim d'*alguns dias* passados no palacio da rua de Lille, não podia ser maior a sua admiração pela doçura e amenidade da duqueza, que tinha sempre para elle uma palavra amavel nos labios.

Com a sua natureza doce, e o seu coração honesto, Luciano devia affeiçoar-se rapidamente a uma mulher que, podendo obra e fallar como ama, o tractava com familiaridade quasi maternal.

Uma manhã, em que elle estava na bibliotheca, a duqueza entrou devagarinho, e vinha conversar com elle sobre cousas indifferentes; depois perguntou-lhe de repente o logar do seu nascimento.

Como a sua consciencia lhe não andava tranquilla, Luciano tornava-se desconfiado.

Julgou que a duqueza tinha alguma vaga ideia do papel que de alguma forma lhe haviam imposto junto d'ella, e este pensamento o perturbou, a ponto de julgar ser mais habil recorrer á mentira.

— Nasci em Pariz, disse elle depois d'um momento de hesitação.

— Ah! disse a duqueza, que deu mostras de contrariada.

(*Continua.*)

Paris, 16—O grupo da união republicana do senado pronunciou-se unanimente pela amnistia.

A esquerda republicana da camara examinou a questão sobre se devia discutir a amnistia ou esperar pela iniciativa governamental; 65 votaram pela discussão e 15 contra.

15 dissidente sahiram na sala.

O centro esquerdo não tomou decisão alguma; mas a sua opinião parece contraria á amnistia.

Pariz, 19—Falleceu esta noite o sr. Fernandez de los Rios.

Londres, 19—Diz o *Times* que se espera ámanhã a decissão da conferencia diplomatica de Berlim.

Na camara dos deputados o sr. Bartle conservador, interpellou o governo pedindo-lhe que faça justiça á Turquia e á sua população musulmana.

O sr. Gladstone respondeu que a intenção actual do governo inglez é proceder com imparcialidade entre a Russia e a Turquia, entre christãos e musulmanos.

O sr. Briggs, liberal, annunciou uma interpellação ácerca do facto de se pretender erigir na abbadia de Westminter um monumento ao principe Luiz Napoleão o que é contrario ao sentimento nacional e foi calculado para prejudicar a cordialidade que existe entre a França e a Inglaterra.

Madrid, 18—O congresso approvou o tractado de commercio entre a Hespanha e a Austria.

Foi immediatamente enviado ao senado.

Despediu-se do rei o embaixador extraordinario de Marrocos, que leva para o sultão magnificos presentes.

Berlim, 19—O landstag rejeitou por 206 votos contra 180 o art. 1 do projecto de lei modificando as leis de maio.

Buenos-Ayres, 17—Confirma-se que em resposta á resolução tomada pelo governo nacional, de fechar os portos, o governo provincial aboliu os direitos de importação.

Madrid, 18—A Inglaterra projecta pedir na conferencia de Marrocos direitos de protecção para os inglezes, iguaes aos estipulados no tractado de 1863 entre Marrocos e a França.

Alguns plenipotenciarios já teem licença para voltar aos seus paizes.

Julga-se que a conferencia está terminada.

Pariz, 19 de junho, tarde—Camara dos deputados: O presidente do gabinete sr. Freycinet mandou para a meza um projecto de lei concedendo amnistia plena para os crimes e delictos politicos e de imprensa. O preambulo refere-se ao movimento consideravel manifestado no paiz, de fevereiro para cá. Diz que, em presença do socego da França e do triumpho da legalidade nas eleições de Lyon, a amnistia póde ser concedida sem perigo. Os homens que vão ser chamados são menos perigosos ao pé que ao longe. O governo nunca pactuará com os principios que a consciencia repreva: portanto o ministerio appella para a clemencia e não para a justiça. O gabinete propõe a amnistia para todos os delictos e crimes politicos de 1870 a 1871 e para todos os delictos e crimes politicos e de imprensa de 1871 até agora. (Applausos.) A urgencia foi votada. O projecto voltará ao exame da mesa na segunda-feira.

Durante a discussão do orçamento dos cultos foi rejeitada uma emenda do deputado radical sr. Talandier, pedindo a suppressão das verbas destinadas aos cultos.

Berlim, 19 de junho, tarde.—O *landstag* rejeitou tambem o artigo 2.º do projecto modificando as leis de maio. Approvou o artigo 3.º.

Madrid, 19 de junho, tarde.—Realisou-se esta tarde a conferencia a respeito de Marrocos. Continua o desaccordo entre os plenipotenciarios. O ministro marroquino insiste em recusar as propostas das potencias na questão de protecção.

Roma, 19 de junho, tarde.—O general Cialdini voltará a occupar o seu posto de embaixador de Italia em Pariz.

Athenas, 19 de junho, tarde.—O gabinete resolveu chamar as reservas e formar um exercito de 30:000 homens, prompto para qualquer eventualidade.

Washington, 19 de junho, tarde.—Os Estados-Unidos pediram ao Mexico licença para bater os indigenas no territorio mexicano. Estava organizada uma expedição em Arizana, para occupar Sonora. O governo mexicano ordenou que se impedisse a partida da expedição.

Rio de Janeiro, 21.—Chegou ante-hontem o paquete *Minho* da Mala Real.

A situação da republica argentina parece aggravar-se dando motivo ás mais serias inquietações.

Annuncia-se que houve já um conflicto grave entre as tropas federaes e as provinciaes, o qual não deu resultado definivo por que cada um dos partidos combatentes attribue a si a victoria.

A lucta está agora atravessando o periodo de calma relativa. Os belligerantes reparam as forças o absteem-se de toda a operação militar séria. As hostilidades manifestam-se por escaramuças e pequenos combatos com os postos avançados.

Athenas, 20.—A camara dos deputados será convocada para 8 de julho.

Pariz, 21.—O sr. Gambeta, fazendo uma allocução da festa de Belleville, disse que a amnistia teria vindo mais cedo se d'um a outro tivesse havido mais cordura e habilidade Acrescentou que todo o verdadeiro republicano deve respeitar a lei.

O sr. Luiz Blanc soffreu hontem uma operação lithotrica.

Madrid, 20. — O sr. Canovas havendo obtido a concessão do ministro de Marrocos, teve uma longa conversação com o embaixador da republica franceza.

O ministro marroquino acceitou o *Statu quo* da questão dos agentes commerciaes e estrangeiros.

Parece que em virtude da intervenção amigavel do sr. Canovas a questão diplomatica tomará uma *feição favoravel* e que se chegará a accordo.

Irá breve a Lisboa um empregado do ministerio da fazenda levar novos titulos de 3 0/0 consolidado interno para trocar pelos antigos.

Pariz, 20—Na eleição de desempate para conselheiro no bairro do Pére-Lachaise sahiu eleito o sr. Frinquete, municipalista, por 2338 votos contra o sr. letville, que obteve 1880.

Madrid, 20 — Amanhã deve realisar-se uma nova conferencia. O sr. Canovas proporá outras bases de conciliação. As folhas ministeriaes asseveram que os plenipotenciarios decidiram guardar a respeito da conferencia o mais completo silencio.

A *Epoca* julga que o embaixador de França fará alguma concessão a respeito dos impostos que devem pagar os estrangeiros residentes em Marrocos, mas não cederá sobre a questão dos agentes consulares pedirem a stricta execução do tractado de 1863. A respeito dos judeus ainda nada se tractou. O principal motivo de desaccordo entre o ministro de Marrocos e as potencias consiste em que a França, a Italia, Austria e Allemanha não querem restringir o direito de protecção, porque dizem que Marrocos é um paiz sem leis regulares, e em materia de impostos a propriedade particular depende do poder arbitrario do sultão.

## AINDA O TRICENTENARIO

Damos em seguida o relatorio apresentado ao nobre ministro do reino pela commissão nomeada pelo governo para tractar dos festejos do 3.º centenario de Camões, d'accordo com a commissão executiva da imprensa.

*Ill.mo ex.mo sr.*—Tendo sido encarregados por portaria de 30 d'abril do corrente anno de conferenciar com a commissão executiva da imprensa, constituida para promover a solemnisação do tricentenario de Luiz de Camões, ácerca do auxilio que o governo de sua magestade poderia prestar, n'essa solemnisação a iniciativa particular, cumprenos dar parte a v. ex.ª do modo como desempenhámos o encargo, que nos foi confiado, segundo as instrucções que por v. ex.ª verbalmente nos foram communicados e a auctorisação legislativa, em que se fundamentaram.

No dia 1 de maio reunimos-nos com a commissão da imprensa, e a nossa deliberação final foi resumida na seguinte nota, que damos por escripto:

—«A commissão declara por parte do governo:

—«que, sem adoptar officialmente o programma da imprensa, o auxilia todavia em tudo o que puder e o recommenda ás auctoridades e corporações publicas em tudo o que não perturbar o plano geral dos outros festejos;

—«que põe á disposição da commissão da imprensa os objectos existentes nos arsenaes e nos museus, que sem inconveniente possam d'alli ser tirados para servirem no cortejo triumphal;

—«que para determinar o subsidio pecuniario, precisa que a commissão da imprensa apresente o orçamento da despeza, com a indicação, para cada uma das verbas, do subsidio pecuniario, de que a commissão carece;

«—que no tocante á parte do programma relativo a representações theatraes, o governo procurará entender-se com as respectivas emprezas para o cumprimento d'essa parte, reservando-se todavia a faculdade de a não levar a effeito, se as condições apresentadas pelas emprezas lhe não parecerem acceitaveis;

—«que n'isto, e em tudo o mais, o proposito do governo é auxiliar a iniciativa particular e supprir o esforço d'essa iniciativa, para que a festa do centenario do grande poeta se possa considerar verdadeiramente nacional e não exclusivamente official.»

Em harmonia com estas declarações entendemos dever deixar exclusivamente a cargo da commissão da imprensa a execução dos festejos, que se propoz realisar não tendo intervindo, nem na elaboração do programma definitivo que só á ultima hora nos foi communicado, nem na disposição, dentro do cortejo, das pessoas e associações convidadas para n'elle tomarem parte.

Como a nossa missão era apenas auxiliar, não tomámos iniciativa alguma propria; mas, sempre que a commissão da imprensa nos procurou, demos prompta satisfação ás suas reclamações. Apezar de não ter sido feito o pedido nos precisos termos da nota, que deixámos transcripta, não duvidamos conceder, em nome do governo, o subsidio de 4:800$000 reis, que a commissão da imprensa disse-ser-lhe necessario para organisar o cortejo triumphal.

E d'isso demos logo parte a v. ex.ª que sanccionou a nossa promessa.

Para que a commissão executiva da imprensa podesse aproveitar-se dos objectos existentes nos arsenaes e outras repartições do estado, tivemos a honra de propôr a v. ex.ª a expedição das ordens convenientes pelos ministerios da guerra, da marinha e das obras publicas, sendo certo que depois não recebemos reclamação alguma contra qualquer embaraço, que fosse opposto aos pedidos da mesma commissão.

De accordo com v. ex.ª foi fixado em rs. 1:000$000 o subsidio para ser representado no theatro de D. Maria II o drama *Camões*, recommendado ao governo pela commissão da imprensa, como parte integrante e indispensavel da execução do seu programma.

Procurámos chegar a um accordo rasoavel com a imprensa do theatro de S. Carlos para haver espectaculo lyrico n'aquelle theatro em que entrasse a «ode-symphonica», para esse fim composta pelo professor Machado; mas tendo a empresa declarado, que não podia prescindir do subsidio, minimo de rs. 3:150$000, fômos de opinião, que o subsidio pedido, embora não representasse uma exigencia excessiva, era demasiadamente avultado para ser concedido, tendo em consideração que o governo não poderia escusar-se a dar outros subsidios importantes, tanto para os festejos em Lisboa como para fóra da capital.

Passamos ás mãos de v. ex.ª um exemplar do programma final organisado pela commissão da imprensa.

Como já tivemos a honra de dizer a v. ex.ª, em nada intervimos na elaboração d'esse programma, que só á ultima hora, e depois de impresso e definitivamente adoptado, nos foi communicado. Julgámos que, n'estes termos, não tinhamos que fazer observações a esse programma, ficando a execução d'elle em tudo subordinada á generalidade da primeira clausula das declarações, que a commissão da imprensa haviamos feito na nossa primeira conferencia.

Deus guarde a v. ex.ª Lisboa 6 de junho de 1880.—Ill.mo e ex.mo sr. ministro e secretario de Estado dos negocios do reino — *Antonio Maria de Amorim—Antonio Ennes—Emygdio Navarro.*

### AO POVO PORTUGUEZ

A commissão executiva da imprensa cumpre o mais santo de todos os deveres, agradecendo ao povo portuguez a sua prompta, sympathica e enthusiastica adhesão á ideia de se commemorar com festas grandiosas a mais brilhante de todas as glorias portuguezas, e congratulando-se com elle pelo caracter solemne, que esses festejos tiveram, e pela altissima significação, que logo assumiram, e que se impoz, com uma rapidez intuitiva, a todos os espiritos.

Temos tido até hoje no nosso paiz festas officiaes, mais ou menos sympathicas ao povo, tivemos agora uma festa nacional mais ou menos sympathica ás corporações officiaes. Achámo-nos sósinhos, face a face, o povo e a imprensa, o pensamento vago e a palavra que o formula, o instrumento onde dormem as vibrações e a mão do artista que as desperta, a nação em fim a sua consciencia.

Foi grandiosa a commemoração, porque a imprensa teve de formular na sua proposta, de consubstanciar no seu programma as affirmações que estavam no espirito de todos; démos á grande alma nacional o espelho em que se reflectiu, á grande voz do povo o foco onde se concentraram as suas vibrações dispersas. Tem epopeias tambem o seculo XIX, e a festa do centenario foi uma d'ellas; foi a epopeia do trabalho, da sciencia e da fraternidade. Brotou da alma collectiva do povo, como brotam sempre esses poemas no periodo epico immortal. A epopeia do passado, fundida em bronze, viu desfilar diante de si a epopeia do futuro formulada nos multiplos symbolos da grande actividade humana. Além, no cimo do seu pedestal, de marmore, toda a nossa gloria extincta consubstanciada n'um só homem, em cujo peito bateu com um vigor inexcedivel o coração da patria; em baixo todas as viris esperanças do futuro consubstanciadas n'um povo inteiro, consciente emfim da sua força e da sua vitalidade. Além o heroismo cavalheiresco na sua expressão mais sublime, aqui o trabalho pacifico na sua expressão mais serena. Duas epopeias face a face, a que o poeta formulou, a que o povo escreveu agora com o cinzel e com a enchada, com a penna e com a machina, com a associação e com a escola. Além, no vulto do poeta que o seu genio naturalisou em todas as litteraturas, a affirmação mais gloriosa do nosso papel historico, aqui no cortejo civico e magestoso, que foi a admiração dos estrangeiros, a affirmação mais sublime do papel da patria rejuvenescida na marcha triumphal da civilisação moderna. E, como os antigos cavalleiros, só depois de calçarem as esporas de ouro, podiam entrar na liça dos torneios e saudar com a ponta da lança os velhos campeões, o povo portuguez, só depois de mostrar, pela sua attitude admiravel em todo o periodo das festas, a sua elevada comprehensão do espirito liberal, do espirito moderno, se julgou digno emfim de desfilar altivo por diante do grandioso epico, e de se inclinar em homenagem ao genio da nossa raça, bradando: «A' gloria portugueza no seu esplendido occaso, a liberdade nacional na sua radiosa aurora!

Nós fomos apenas os compiladores dos cantos dispersos d'esta epopeia nova. A festa foi o povo e só d'elle. A nós cabe-nos a gloria de vos termos comprehendido, de termos tido confiança na vossa comprehensão das grandes ideias, no vosso enthusiasmo pelos grandes sentimentos. Profundamente commovidos, agradecemos ao povo portuguez o ter recebido o nosso pensamento, fundindo-o em epopeia no generoso cadinho da sua alma; felicitamol-o por se ter mostrado digno da sua historia e digno do seu cantor, congratulamo-nos com elle, porque, longe das influencias officiaes, e talvez mesmo apesar d'essas influencias, fizemos da homenagem a Camões a mais nobre, a mais grandiosa, a mais significativa das grandes festas nacionaes.

Lisboa, 16 de junho de 1880.—*João Carlos Rodrigues da Costa*, presidente—*Theophilo Braga—Romalho Ortigão — Luciano Cordeiro—Jayme Batalha Reis—Rodrigo Affonso Pequito*, adjunto—*Manuel Pinheiro Chagas*, relator—*S. de Magalhães Lima*, *Eduardo Coelho*, secretarios.

### FESTAS DO CENTENARIO NO ALGARVE

Do nosso estimavel collega de Lagos—*Noticias do Algarve*, transcrevemos a descripção das brilhantes festas alli feitas para commemorar o 3.º centenario do grande epico Luiz de Camões:

#### INAUGURAÇÃO DA BIBLIOTHECA MUNICIPAL EM LAGOS

No dia 10 do corrente depois do meio dia uma girandola de foguetes annunciava á cidade que hia começar-se a patriotica manifestação na escola do Conde Ferreira, na praça d'Armas. A concorrencia era immensa de povo, e muitos dos convidados tiveram de ficar no vestibulo do edificio.

A banda do regimento 15 achava-se no lindo coreto que para isso tinha sido preparado tocando enthusiasticos hymnos.

O exm.º sr. presidente da camara deu começo á leitura d'um excellente discurso appropriado á occasião, o findando disse, que dava a palavra ás pessoas presentes que a pedissem, e logo em seguida o distincto advogado o exm.º sr. dr. Vicente A. Vaz Soares pediu a palavra que brilhantemente soube uzar d'ella por espaço de 20 minutos e occupando o lugar direito do estrado aonde se achava a corporação municipal e dirigindo-se para a assembleia disse:

«Que n'este dia de festa nacional em que todo o povo portuguez se vestia de gala, apparecia entre nós a illustre vereação do municipio de Lagos, e para o fim de inaugurar uma bibliotheca municipal: Que eram dignos de maior louvor todos os homens illustres que concorreram para este fim, principalmente os dignos membros que se acham á frente d'este municipio, e que como seu antigo collega na vereação muito se honrava em ser primeiro a levantar a sua voz para lhes dar emboras, um aperto de mão, os parabens do intimo da sua alma por todos terem concorrido para a creação de um estabelecimento de tanta utilidade para esta cidade, que tem vontade de caminhar e que de certo ha de caminhar na vanguarda da civilisação da maior parte das cidades do nosso paiz.

Que fazia votos para que esta elevada ideia caminhasse muito além e não acabasse no momento em que terminassem os festejos que n'esta occasião entretinham todo o povo portuguez; que era de presumir que não acabasse, por ser principalmente da iniciativa de tão dignos vereadores a creação d'este estabelecimento muito util e muito proveitoso para o operario, para o artista e para o homem desfavorecido da fortuna, que podem pela leitura de livros uteis colher a sciencia que ignoram, porque o homem quanto mais instruido for mais feliz ha de ser, e de mais utilidade para si e para os outros, pois que a ignorancia é uma cegueira eterna; cuidemos por tanto de illuminar os espiritos que ainda hoje estão em trevas e aguardemos o dia em que o homem do trabalho sahindo do seu constante lidar de todo o dia se entregue á leitura de livros que o possam recrear e instruir.

Disse o orador em seguida, que cumpria nos occupassemos do homem que hoje chama a attenção da nação portugueza e dirigindo-se para o retrato de Luiz de Camões a meio corpo que estava em frente do salão por cima do estrado aonde se achavam os srs. vereadores, disse:

«Eil-o alli está, como se fosse a imagem muda da sciencia e do saber que tanto illuminou aquella fronte, não o conheceis?

E' Luiz de Camões, um dos maiores genios que a Providencia creou sobre a terra. Superior a elle não o encontro na historia; igual, talvez, um só e esse foi Homero.

Homero teve a sua Odissea, Camões creou os seus *Lusiadas*; Homero cantou a gloria da Grecia, o cerco de Troia, Camões eleva pelos canticos do seu sublime poema á maior altura que um povo póde ambicionar os feitos heroicos dos portuguezes em além mar.

Então eramos grandes, eramos poderosos; Camões foi o nosso cantor, era um verdadeiro portuguez d'alma, era todo nosso.»

Em seguida o distincto orador historiou minuciosamente, a vida e os feitos mais notaveis do grande epico. Disse tambem que foi em Coimbra n'essa formosa cidade aonde se desabrocharam as primeiras flores do espirito de Luiz de Camões, e aonde junto das risonhas margens do Mondego, se desenvolveram as inspirações do seu genio, cantando com tanto sentir, como se fossem sentidas estrophes de Bernardim Ribeiro, os amores de Ignez e de Pedro que por alli passaram. Disse tambem que foi em Coimbra que viu pela primeira vez D. Catharina d'Athaide, essa alma gentil que tão grande influencia teve nos destinos da vida de Luiz de Camões; e que D. Catharina de Athaide fôra para o principio dos poetas portuguezes o mesmo que para Homero foi a casta donzella de Chios, o que Laura foi para Petrarca, o que Beatriz foi para o Dante.

Fez sentir tambem a sublimidade da linguagem do notavel poema de Luiz de Camões, que tendo escripto os seus *Lusiadas* á mais de trezentos annos os escreveu n'uma linguagem muito superior á sua epoca, porque então não se escrevia nem se fallava como se escreve e se falla hoje, e os *Lusiadas* tem a correta linguagem do seculo 19. Este grande genio advinhou por assim dizer o futuro.

Descreveu o orador com a maior clareza e animação os feitos heroicos de Luiz de Camões como militar batalhando no ultramar; os grandes serviços que n'esta qualidade prestou ao seu paiz, os seus soffrimentos e perseguições, a ingratidão dos homens, a tença que El-Rei D. Sebastião lhe deu a pedido de D. Manoel de Portugal, em attenção aos seus serviços militares e litterarios, o que todavia não obstou a que o fiel Jau andasse mendigando de porta em porta uma esmola para o seu senhor; e ultimamente a sua agonia principalmente depois que soube da desastrosa jornada de Alcacerquibir, em cujos plainos ficaram para sempre as ossadas de tantos valentes, a flôr da mocidade portugueza, conjunctamente com o seu joven rei attestando ás gerações futuras a queda da nossa independencia.

Ao concluir o seu discurso o exm.º sr. Vaz Soares cheio de maior enthusiasmo e muita felicidade disse com expressões repassadas d'alma: que os portuguezes tinham pago a sua divida de gratidão aquelle que tanto os tinha elevado em seus sublimes canticos, inaugurando em Lisboa uma estatua fundida no bronze em 9 de setembro de 1867 no sitio do Loreto; e voltando-se novamente para o retrato do poeta disse: o «Salve Luiz de Camões. o teu nome será immortal, como immortal será a nação que tão bem soubestes cantar nos sublimes versos do teu poema, e se um dia mão extrangeira quizer esmagar a independencia d'esta nação hade primeiro riscar do coração de todos os portuguezes a tua memoria, e rasgar uma a uma as paginas dos teus Lusiadas.»

O exm.º sr. Vaz Soares foi vivamente applaudido pelo numeroso auditorio que se achava no salão, que na maior parte era illustrado.

E nós mais uma vez lhe endereçamos os nossos parabens pelo seu brilhante discurso que ficará por muito tempo impresso no animo de todos.

Em seguida tomou a palavra a illustrada mestra regia d'esta cidade a exm.ª sr.ª D. Maria da Piedade Bastos que n'um discurso explendido e elegante, e apropriado á occasião, impressionando o auditorio pela maneira correcta e animada como se exprimio, disse:

«Eu peço licença a v. ex.as para juntar ao enthusiasmo de que hoje está possuindo o animo de todo o paiz, e especialmente o dos habitantes d'esta nobre cidade, a humilde homenagem de meu respeito pelo glorioso emprehendimento com que v. ex.as honram a patria e a si.

Parece-me que interpreta bem o sentir instinctivo d'estas criancinhas que me acompanham affirmando que as suas almas candidas, com todas as elevadas aspirações que hoje nos impellam para o progresso, para a perfeição, e para Deus, comprehendem o valor preciso da instituição que vindes inaugurar em louvor do distincto academico, do arrojado guerreiro, do sublime poeta, Luiz de Camões.

Effectivamente é ao poder d'um livro magnifico que devemos o honroso logar que occupamos no convivio das nações. E' possivel que houvessemos esquecido, como a respeito de tantos outros, a parte gloriosa que ao soldado conbe na conquista da nossa civilisação; esqueceriamos talvez as profundas maguas que alancearam o seu finissimo coração com os exilios e agudas saudades da sua patria; haviamos de esquecer o heroe na guerra, no saber e no amor, se, com o mimo com que se costuma guardar as joias preciosas, elle não nos houvesse legado os immortaes Lusiadas.

E' n'este livro que se nos depara o muito que fomos; será na existencia bem cuidada d'outro, que apprenderemos o muitissimo que podemos ser.

A bibliotheca, por consequencia, é o monumento mais digno que podemos erguer para honra da patria; e se alguma vez faltarem os mestres que mal vivem e que fatalmente morrem, o povo irá á sua bibliotheca beber o que nem sempre os homens podem dar á sede do seu saber.

Senhores, eu por minha parte estou longe de saber avaliar o quilate de serviço que prestaes á instrucção e á moralidade, com o estabelecimento da bibliotheca que hoje se inaugura, intitulada—«Camões.»—Já muitas instituições de recreio vão desviando o povo do bom caminho. Abrindo-lhe de par em par as portas areas dos institutos da sciencia é a offerta mais mimosa que podeis destribuir-nos.

Por isso a minha alma cheia de alegria vos sanda, e oxalá que sejais bem succedidos na empreza que tanto vos distingue.

Guardei para o fim significar quanto aprecio e me honra o vosso convite. A grandesa do acto força-me a consideral-o senão com munda reverencia.»

Fallou tambem o exm.º sr. Manuel Fialho que attendendo á sua pouca edade discurson muito bem.

Lavrou-se acta em duplicado e a assignaram a maior parte das pessoas presentes que foram convidadas, que é do theor seguinte:

*Auto da inauguração da bibliotheca popular Camões.*

«Aos dez dias do mez de junho do anno do Nascimento de Nosso Senhor Jesus Christo 1880, n'esta cidade de Lagos e escola do conde de Ferreira, estando presentes a camara municipal d'este concelho, diversas corporações, associações, auctoridades e grande numero de cidadãos, todos abaixo assignados, pelo presidente da mesma camara, que a este acto presidiu, foi dito que com prazer via alli reunidos, e que incumbido pela camara, havia convidado para, com suas presenças, tornarem mais solemne a inauguração da bibliotheca popular Camões, cuja fundação fôra deliberada em vereação de 19 de maio ultimo, resolvendo-se outro sim, que se lhe desse o nome do grande épico, e comomemoria, fosse inaugurada hoje, 10 de junho, dia em que o seu centenario é por todo o paiz celebrado.

Em seguida o dito presidente leu uma allocução commemorativa dos altos feitos, que acrescentaram a honra e gloria de Portugal e são o objecto dos *Lusiadas*, a epopeia nacional, onde, em cada estrophe, resplandece o genio de Camões, cujo elogio fez: engrandeceu o merecimento das façanhas dos heroes d'então, fazendo destacar o vulto de Gil Eanes, natural de Lagos, primeiro que conseguira, em 1434, dobrar o Cabo Bojador; pôz em relevo a profunda sciencia e notavel perseverança do infante D. Henrique, o celebre fundador da escola de Sagres, a quem se deve o plano das descobertas realisadas; alludiu aos 60 annos d'oppressão, que Portugal soffreu sob o dominio de Castella e á gloriosa restauração de 1640, e concluiu, mostrando a utilidade da fundação que se inaugurava, a qual julgava perfeitamente adquada a manifestação que se pretende fazer harmonica com o espirito d'esta epoca de lucta contra o obscurantismo—quando se procura derramar por toda a parte a luz da instrucção e, em summa, se congregam todos os elementos, que possam auxiliar as conquistas da liberdade, que são as conquistas d'este tempo.—Offerecen depois a quem quizesse fallar sobre o objecto, que a todos alli reunia, a palavra, de que tomaram o exm.º sr. dr. Vicente Augusto Vaz Soares, advogado n'esta comarca, a exm.ª sr.ª D. Maria da Piedade Bastos, professora regia, e, em nome dos seus condiscipulos, o alumno de francez, o exm.º sr. Manuel Fialho.

E de todo para constar se lavrou o presente auto, que, depois de lido em voz alta, foi assignado pela camara, corporações, associações, auctoridades e pessoas presentes á ceremonia da inauguração da bibliotheca popular Camões, que assim se deu por finda.

E eu, Pedro Tello, escrivão da camara, o escrevi.»

(Seguem-se as assignaturas.)

O salão estava singelo e elegantemente adornado, sobresahindo por entre corôas de verdura, differentes nomes de poetas illustres como Garrett, Sá de Miranda e outros.

A concorrencia era numerosa.

#### RECITA DE GALA NO GIL VICENTE

Não podia a mocidade d'esta terra ficar silenciosa deante das festas nacionaes que se celebraram em todo o nosso paiz em memoria do grande epico portuguez Luiz de Camões

Esta divida para hoje a quem tanto mereceu da patria achou ecco nos sentimentos generosos da juventude lacobrigense, por isso no dia 10 o *Gil Vicente* embandeirou a sua fachada, adornou-se de flores, e deu uma recita de gala. Numerosos foguetes subiram ao ar; o terrado defronte da porta foi transformado em jardim, com o seu repucho e algumas arvores assombravam aquelle logar. Recitaram-se poesias alluzivas, distinguindo-se o sr. Madeira pela boa dicção e outros predicados que todos nós lhe fazemos a verdadeira justiça.

Seguiram-se algumas comedias que muito agradaram pelo bem desempenhado destinguindo-se o sr. Chaves nos *ultimos momentos de Camões* e o sr. Madeira no Jau, e D. Ernestina no papel de Catharina d'Athaide. Seguiu-se o *Fura-vidas* pelo mesmo Chaves e alguns artistas. A banda regimental prestou-se gratuita e generosamente para tocar n'esta noute de festa e executou differentes peças do seu acreditado reportorio e entre estas tocou o hymno da carta, hymno de D. Luiz, homenagem a Camões.

Por cima do panno de bocca estava a corôa nacional e defronte, no camarote da presidencia, estava o retrato de Camões magnificamente desenhado pelo sr. Sebastião Formosinho. Nos camarotes estavam os nomes dos nossos primeiros poetas e historiadores.

Terminou esta festa de jubilo pela 1 hora da noute retirando-se todos os expectadores muito satisfeitos.

Os camarotes achavam-se adornados das mais elegantes damas lacobrigenses. Era um perfeito *bouquet* de flores de formozura.

—Em Portimão inaugurou-se no dia 9 á noute uma escola e na tarde do dia 10 um cortejo civico foi coroar o busto do immortal poeta que fôra erecto no caes d'aquella villa.

Houve procissão civica cujo cortejo era composto de muitos particulares, auctoridades e corporações. Das janellas que se achavam lindamente decoradas foram lançadas nuvens de flores sobre o prestito quando passava.

A phylarmonica *Recreio Muzical* tocou a alvorada no coreto do caes. O caes estava illuminado com a luz de centenares de balões que pendiam suspensos sobre as arvores apresentando uma vista suprehendente.

Foi distribuido um abundante bodo aos pobres a expensas da exm.ª sr.ª D. Maria José Fialho Serpa, virtuosa espoza do nosso estimavel amigo o exm.º sr. commendador José Joaquim Serpa, acreditado commerciante d'aquella villa.

—Em Silves houve uma explendida illuminação no aterro junto á ponte d'aquella cidade, e muzica.

—Em Faro teve lugar no theatro de *1.º de Dezembro* uma recita de gala levando á scena o drama *Julia* de Octavio Feuillet.

O nosso amigo Annes Baganha recitou uma excellente poesia que foi unanimemente victoriada.

O sr. Rocha Pinto recitou tambem uma mimosa poesia de Garret *Camões e Jau* que foi muito applaudida.

O theatro estava todo illuminado e junto ao mesmo achavam 2 coretos onde as philarmonicas de Loulé e Estoy desempenhando lindas e variadas peças de musica do seu acreditadissimos repertorios.

Foram pois explendidas, como se vê, e dignas de provincia tão importante como a do Algarve.

### AINDA A QUESTÃO DA ESCOLA DE MACINHATA

E' muito para sentir que a camara d'Agueda não tenha cedido ás justas exigencias da opinião publica na questão da mudança da escola para o logar de Macinhata, que lhe foi destinado pelo decreto da sua criação. Para o facto, que é revelativo da maxima prepotencia com que por ahi são geridas as couzas publicas em alguns pontos do districto, chamamos nós a attenção da auctoridade superior. Este estado de couzas não póde continuar.

A'cerca do assumpto escreve hoje um amigo nosso as seguintes linhas:

*Amigo redactor.*—Não é sem sacrificio que eu lanço mão da penna para estigmatizar o que se está dando aqui, em Macinhata, com a escola do sexo feminino. Bem quizera não ter novamente de me occupar de tal assumpto; mas as couzas caminham de tal maneira, que alem de recahirem em quebra da propria dignidade e boa reputação de quem deveria prezar e pôr mais a salvo a integridade do funccionalismo, cauzam asco, e inquietam-me a mim e a quantos prezenceiam taes actos.

Manifestei-lhe, amigo redactor, uma suspeita na minha ultima carta, e na verdade deixou ella de ser bem fundada em certos dados comprovativos que eu então indiquei. Hoje renova e augmenta essa mesma suspeita, e creio que d'esta vez tambem não érro em minhas conjecturas.

Passo a historiar.

O sr. administrador do concelho d'Agueda, assim que ouviu pelo orgão da imprensa umas vozes tenues, melliflúas, assucaradas, mas que de alguma sorte lhe mostravam a claro a senda lamacenta por onde *insensivelmente* se ia deixando andar transviado, seguiu aquelles sons harmoniozos, gratos, suavissimos, que lhe serviram como outr'ora a estrella aos Magos, e cá appareceu mais o seu escripturario, e um outro acolito, a fim de inspeccionar uma das cazas que a junta de parochia d'esta freguezia lhe havia indicado para a escola.

E' inutil dizer-se que alguem mais deveria comparecer n'aquelle acto. Decerto. O celebre Baptista, que, embora capacho do visconde d'Agnieira, pretende ser, n'este couto de Macinhata um *grande senhor* de pendão e caldeira; que arroga temerariamente a si privilegios só seus, já em publico bem verberados, não obstante a camara d'Agueda ter deliberado em sessões, que não se tornava precizo vir este ou aquelle vereador assistir á alludida inspecção, alguem teve com elle todas as venias, e alli se *lobrigou* o nosso feudal em perspectiva, mettendo a fouce ouzadamente em seára alheia. As suas opiniões foram preferidas e acceites, o sr. administrador do concelho deu-se sempre por muito satisfeito com ellas, e a caza dos orphãos das Azenhas ficou desde logo approvada por *unanimidade*.

Ponhamos aqui ponto á descripção.

Agora seja-nos licito fazer uma inoffensiva e ingenua perjunta: que obstaculos terá ainda encontrado o sr. administrador do concelho d'Agueda, ou a camara, para que a escola não tenha já vindo transferida para o logar de Macinhata, sua séde principal? Essa caza, que ha mais de um mez fôra inspeccionada, e se approvou, os seus proprietarios estão promptos a arrendal-a. Que interesse poderá haver, pois, em privar por mais tempo muitos chefes de familia, despeitados com o vereador Baptista, de mandar suas filhas á escola,—a caza d'este senhor,—e de obrigar a professora a constantes e longinquos passeios de Macinhata para Carvalhal e *vice-versa*, e a pagar indevidamente do seu bolso o aluguer d'uma caza aonde rezide, emquanto que o sr. Baptista vae percebendo uns 10$000 reis, pelo aluguer d'uma sala acanhada e sem luz? Santa abnegação! Forte patriota!... Isto é inaudito, vergonhozo, inqualificavel até!

Os povos d'esta freguezia, inclusive a junta de parochia, cazo a escola não venha o mais breve para o logar de Macinhata, vão reprezentar ás auctoridades superiores, a fim d'ellas darem promptas e energicas providencias, como o cazo reclama. Nós achamos justo o desforço, e encontrar-nos-hemos de bom grado a par d'esta santa cruzada, ajudando-a tanto quanto caiba em nossas forças. E' bem que triumphe a moralidade e o direito.

O sr. Baptista, se tivesse brio e dignidade, para comprovar aquillo que em publico tem simplesmente apparentado, devia ser o primeiro a promover a mudança da escola para este logar, e não andar ás occultas a beijar as botas d'uns e d'outros para aquella se reter em sua caza, e assim saciar talvez alguma vingança mizeravel. Olhe que os actos, sr. Baptista, é que nos elevam ou nos rebaixam na opinião publica; e a imprensa não se instituiu senão para fulminar o vicio e corôar a virtude, a nobre acção. Fique certo d'isto.

Tenha paciencia. Deixe vir a escola. Rezigne-se com o chegue. «Quem se obriga a amar, obriga-se a padecer.»

Amigo redactor; muito me obzequeia dando publicidade no seu bom jornal ao que deixo expendido. E' mais uma fineza que espera merecer-lhe quem é

Seu amigo certo.

Macinhata do Vouga 17 de junho de 1880.

Z.

## Correio do Sul

**Lisboa 21 de junho de 1880.**

A opposição está decididamente em maré de carvoeiro. Correm-lhe os ventos propicios, navega em mar de rozas, tudo lhe vae á feição. Não ha que ver. A quéda do ministerio é caso assente nos circulos mais auctorisados dos novelleiros, que especulam cruelmente com a ingenuidade das creanças timoratas, que lhes dão credito. Hontem sahiu o sr. marquez de Sabugoza. Hoje sabe o sr. ministro da guerra. Amanhã o sr. Adriano Machado. E n'este andar das coisas, n'este continuo atropellamento de successos e casos nunca vistos, certamente deixaremos de ter ministerio no curto prazo de 7 dias. E' um sacrificio cruento, mas que fazer-lhe. A opinião dos aventureiros da politica imóla um ministro por dia nos altares das suas conveniencias, e não ha fugir-lhe! Os senhores dos destinos do paiz fabricam no seu cerebro audaz as crises e as substituições e é força obedecer aos seus supremos designios. Elevou-os a irrisão ao throno do extremo ridiculo e é praxe conhecida que dos pobres d'espirito é o reino do Céu. Tenho-lhe referido o que se affirma nos circulos auctorisados, onde os homens de senso e de criterio expõem sem rodeios nem reservas a sua opinião, e por isso dará o devido credito aos boatos, que os inimigos do governo espalham com grave descredito seu. Alguem os tomou a serio *au primier abord*, mas a verdade fez-se e ninguem hoje acredita os alviçareiros, que sacrificam a propria dignidade ás primeiras impressões de noticias perfeitamente inexactas.

Os acontecimentos d'Evora serviram tambem de fundamento a novas versões de crise, mas não tardou a luz a desmascarar a torpeza. O sr. ministro da guerra não pediu nem pedirá a sua demissão. A imprensa séria da opposição tem feito justiça aos importantes serviços por s. ex.ª feitos ao paiz, e todos são concordes em declarar abertamente que o sr. João Chrysostomo é uma das grandes illustrações militares do paiz e um dos homens d'estado, que mais tem contribuido para o bem estar e incontestavel desenvolvimento da nação. E quando a politica ensarilha as armas de combate para prestar d'esta fórma a homenagem de tão subida e justa consideração a um ministro, cuja politica hostilisa a todo o tranze, é certo que a todos agradam os actos da sua governação.

N'estas condições, o que vêm fazer os invejosos com as demonstrações da sua emulação?

Sobre a sahida do sr. Adriano Machado dão-se exactamente os mesmos casos. Tudo isto é um parto desastroso dos desgraçados cerebros, que inventam crises a todas as horas e que são capazes de tudo assegurar, mesmo o que a dignidade repelle e o cavalheirismo reputa incompativel com os bons sentimentos.

— Diz-se que o sr. governador civil de Vianna, Rocha Páris vae ser agraciado com a carta de conselho.

— O sr. Antonio Acacio d'Oliveira Carvalho foi nomeado vice-consul da Grecia, em Mossamedes. Foi tambem nomeado para o cargo de agente consular dos Estados Unidos, na ilha de S. Miguel, o sr. Ricardo Seemann. O sr. José Maria d'Eça Queiroz tomou novamente conta do seu cargo de consul de Portugal, em Bristol.

— Diz-se que o distincto official da armada, sr. Azevedo Ferreira, será brevemente nomeado governador d'Angoche.

— O Summo Pontifice acaba de conceder ao reverendo prior de Bellas, Joaquim da Silva Serrano, a graça de monsenhor, com a dignidade de seu camareiro d'honra.

— O sr. general Gomes foi a Leiria inspeccionar o regimento de caçadores 6.

— O sr. visconde de Carriche, sua exm.ª esposa e filha vão em viagem de recreio para Pariz e seguirão de lá para a Allemanha.

— Chegou já a Pariz o pessoal da embaixada siameza, que se espera n'esta cidade.

— Foram reformados os srs. Thomaz Antonio Cardoso de Novaes e Sá, capitão de infanteria; Joaquim Freire d'Andrade Salazar, official da secretaria do tribunal superior da guerra e de marinha; e Alexandre Cesar Mimoso, coronel d'infanteria.

— O sr. Frederik Wulf, delegado da universidade de Sund, Suecia, nos festejos do tricentenario de Camões, dirigiu á imprensa a seguinte saudação:

«Senhores da commissão executiva da imprensa.—Da Suecia, da universidade de Lund, vim saudar-vos, congratular-me comvosco por occasião da vossa gloriosa festa nacional, o anniversario do tricentenario de Luiz de Camões. Pouco importa na verdade que eu viesse de uma pequena universidade do norte, e ainda menos que eu seja pessoalmente o mais indigno de trazer a mensagem, que vos entreguei. Mas o que não deixa de ter importancia é que eu vim de muito longe para assistir á festa nacional do povo portuguez. Chegou emfim o dia em que se faz valer a grande verdade de que todos os povos são irmãos, de que todos elles são membros de um unico organismo—a humanidade.

As grandes ideias e as grandes obras, eis a manifestação da alma e do coração d'esse organismo, do qual todas as partes são solidarias como os membros do corpo humano. Se uma padece, todas padecem inevitavelmente; cada qual tem a sua funcção propria, e nenhuma póde cabalmente substituir a outra. Luiz de Camões, eis o grande nome, a palavra de ordem do povo, do genio portuguez. Foram preciosos seculos para a apreciar bem; serão preciosos novos seculos, talvez ainda, para ponderar tudo que elle vale! N'estes bellos dias tudo foi Camões, e Camões foi tudo: historia, presente o futuro, o não foi a vangloria que vos impoz este grande nome o que fez palpitar os vossos corações. Não foi, não, a vaidade, viu-se claramente, que animou o povo portuguez quando elle correu de toda a parte em massa para celebrar a sua grande festa e para coroar a imagem do seu poeta querido. A vaidade não inaugura escolas para a infancia nem gabinetes de leitura para os operarios, nem associações de professores e jornalistas, nem cursos de linguas estrangeiras, de sciencias de pedagogia, nem asylos para os abandonados e para os infelizes, nem jurys de honra, não faz nada, emfim, do que vós acabaes de fundar em nome de Camões. Animado pelos mesmos sentimentos que vos animaram em todas estas bellas obras, nobilissimas manifestações do vosso espirito e do vosso coração, entreguei com sincero e profundo enthusiasmo a minha mensagem, affirmando-vos a sympathia da minha universidade e de todo o povo da minha nação.

Viva a memoria de Luiz de Camões!

Viva o povo portuguez!

Lisboa, 10 de junho de 1880.—*Frederik Wulff.*»

— E' quasi certa a ida para Londres do sr. Antonio Augusto d'Aguiar, na qualidade de encarregado do governo no tractado do caminho de ferro de Mormugão, e de representar Portugal na questão da escala alcoolica.

— Saiu no dia 20 a ordem do exercito. Promove, a coronel o tenente coronel d'infanteria 5, José da Rosa; a capitão o tenente A. V. da Silva Cardeira; a tenente quartel mestre o alferes graduado quartel mestre, Mathias Joaquim Fernandes; a tenentes os alferes Joaquim José Madeira e Alberto Mimoso da Costa Ilharco; a alferes o graduado Adelino Pimenta.

A coronel d'artilheria o tenente coronel Antonio José Camillo; a tenente coronel o major José Antonio da Costa Bracklamy.

— Publica diversas transferencias, licenças registadas, e pela junta, a observancia rigorosa de varias disposições regulamentares, etc.

**Vizeu 19 de junho.**

Já não vimos a tempo de descrever as brilhantes festas da commemoração do centenario. Vizeu foi das terras que mais se distinguiram n'esta solemne sagração do immortal Camões. A patria do Viriato esqueceu n'esse dia todas as suas mesquinhas dissidencias partidarias para ser digna de si, e do heroe que commemorava. Como sabem, a iniciativa dos festejos compete em primeiro logar ao mimoso poeta, distincto orador parlamentar, e erudito professor, o sr. dr. Simões Dias. Mas diga-se em abono da verdade que a illustrada officialidade do 14 desempenhou n'elles um importantissimo papel, sendo coadjuvados com enthuziasmo e dedicação por todos os cidadãos vizienses sem distincção de classe, ou de côres de partido.

A commemoração de Camões não terminou com as festas do seu tricentenario.

Accordou-se em lhe erigir dentro d'um curto prazo um monumento condigno, e no intuito de se dar começo á sua edificação se reuniu no dia 15 a commissão executiva.

Assentou-se n'essa reunião que para obter os meios indispensaveis para a realisação d'essa nobilissima ideia se abrisse uma subscripção no concelho de Vizeu, e que se promovesse um sarau litterario muzical e varios outros espectaculos.

Nomeou-se uma sub-commissão para organisar o sarau, a qual ficou composta dos srs. José da Silva Mendes, J. Simões Dias, e Miguel de Figueiredo. Nomeou-se outra para promover os espectaculos, composta dos srs. Luiz Ferreira, Solomão, e D. Francisco de Noronha. Nomeou-se ainda uma outra para elaborar o projecto do monumento, a qual ficou composta dos srs. Antonio de Figueiredo (director das obras-publicas), J. M. de Mattos Cid (engenheiro) e Antonio José Pereira (professor de desenho no lyceu.)

— Foram nomeados mordomos de Santo Antonio os srs. conego José d'Almeida Martins, padre Gonçalo Augusto Leitão, Bernardo Simão Telles e Antonio Ferreira Pregueira.

— Os srs. dr. A. Xavier Perestrello (redactor do *Viriato*), F. F. de Castro e Solla, e J. A. d'Oliveira Mascarenhas vão dar brevemente á luz da publicidade um *Diccionario Geographico*, destinado a propagar os conhecimentos geographicos pelas classes populares. A obra é publicada em fasciculos baratissimos, e deve estar concluida a sua publicação dentro d'um anno.

— Já regressaram de Lisboa: o sr. commendador João Pereira Victorino, que fôra assistir ás festas do centenario, e o sr. commendador José Maria de Souza Macedo, que fôra representar no grande cortejo civico a camara municipal d'este concelho.

— Uniram-se hoje pelos laços matrimoniaes o sr. Bernardo Simão Telles e a exm.ª sr.ª D. Maria José Barroso.

— Foi confirmada a exoneração concedida pela junta geral d'este districto ao agronomo o sr. Agostinho de Mendonça Falcão.

— E' inteiramente falsa e destituida de fundamento a noticia dada por um dos jornaes d'esta cidade, e reproduzida por alguns do paiz, de haver enlouquecido o digno coronel de infanteria 18, Rufino Chaves. Não sabemos a que attribuir o boato, condemnando a leviandade com que foi propalado pela imprensa. O *Districto de Vizeu* de hontem já desmente o facto, que, diga-se a verdade, é das maiores torpezas que aqui se tem praticado. Com tal imprensa, quem póde estar seguro da sua reputação e mesmo do seu bem estar?!

M.

## Correio do Norte

**Porto, 22 de junho.**

Tem causado viva sensação no espirito publico d'esta cidade o artigo do *Diario Popular* de 19 do corrente, que accusa de abuso de confiança o sr. conde de Valbom. E' certo que a intemperança politica traz graves consequencias aos espiritos frouxos e que a paixão partidaria allucina e compromette os que não resistem facilmente ao impulso traiçoeiro do facciosismo. O que alli se diz é realmente muito grave para o nobre titular, a quem aquellas accusações hão de ferir bastante, e que muito affectam a sua dignidade e o seu cavalheirismo. Veremos como s. ex.ª responde ás justas arguições da illustrada folha da capital. O Porto assiste com interesse a estas luctas, que tanto lhe importam e tira das premissas estabelecidas pelos contendores as conclusões que julga acertadas.

— No dia 17 realisou-se a inspecção dos mancebos recenseados nos 8 concelhos, que menciono, sendo: apurados 4 e isemptos 5, do concelho de Gaya; apurados 10 e isemptos 2, do bairro oriental d'esta cidade; apurado 1 e isemptos 2, do bairro occidental; isempto 1, do concelho de Penafiel; apurado para a armada 1, do concelho de Bouças; apurado 1 e isempto 1, do concelho de Gondomar; apurado 1, do concelho de Vallongo; apurado 1, do concelho de Marco de Canavezes. Assistiram os srs. cirurgiões militares Mario de Castro, de caçadores 9, e Proença, d'infanteria 10; o sr. Ferreira, sub-delegado de saude, e o sr. Rodado, major da Praça. Presidiu ao acto o sr. governador civil dr. Thomaz Lobo.

— No dia 18 houve um pequeno incendio em um pobre predio, perto do muro do Passeio das Fontainhas, que foi logo extincto, e cujos prejuizos foram insignificantes.

— Despediu-se de nós a companhia lyrica, que tão explendidos espectaculos nos deu no real theatro de S. João, com a *Aida*, surprehendente composição, que tem feito o espanto e admiração dos *dilletanti*. A sr.ª Biancolini e Pantaleoni foram enthusiasticamente applaudidas, tendo repetidas chamadas ao proscenio, onde receberam as mais brilhantes e completas demonstrações d'agrado. As plateias regorgitavam de espectadores, sendo notavel comtudo a pouca concorrencia de senhoras nos camarotes. Deixa-nos profundas saudades a companhia, e pedimos á Providencia, que nol-a mande por aqui algumas vezes mais.

— Antonio Pedro, sem duvida o primeiro actor do paiz, vem a esta cidade dar algumas recitas no theatro Baquet. Bem vindo seja, e oxalá que brevemente e por bastante tempo o tenhamos entre nós.

— O sr. João d'Azevedo d'Oliveira d'Azemeis, não foi julgado no dia 18 no tribunal do 1.º districto criminal, por crime de adulteração de generos alimenticios, por terem faltado algumas testimunhas importantes e imprescindiveis no processo, sendo por isso adiado o julgamento.

— Fizeram hontem acto na Escola Medico-Cirurgica os seguintes alumnos:

1.º anno, anatomia—Luiz Antonio Rodrigues Lobo, Arnaldo Pacheco Dias Torres, Carlos Alberto de Moura Maldonado e Albino Moreira de Souza Baptista.

3.º anno, materia medica—Domingos José Affonso, Porfirio José de Macedo, Antonio Pereira de Paiva e Pona, Bento Augusto Andrade e Antonio Pedro Autello.

5.º anno, partos—Antonio de Almeida Alegre Magalhães, José Soeiro da Silva, Augusto José Domingos de Araujo e Joaquim Augusto de Mattos.

5.º anno, hygiene e medicina legal—Aureliano Pinto, José de Mattos Viegas, Acacio Augusto Barroso Bravo, Torres e Antonio Alberto Araujo do Nascimento.

R. C.